

CRITICA.

## “OS SERTÕES” E A GEOGRAFIA

AROLD DE AZEVEDO

*A “Semana Euclidiana”, realizada anualmente em São José do Rio Pardo, foi dedicada, em agosto de 1949, à ciência geográfica. Estudaram a obra de Euclides da Cunha à luz da geografia moderna os professores José Veríssimo da Costa Pereira, João Dias da Silveira e Aroldo de Azevedo, todos sócios efetivos da A. G. B.*

*Publicamos, no número anterior do Boletim Paulista de Geografia, a conferência do presidente de nossa Associação, que estudou o espírito geográfico na obra do notável escritor brasileiro. O que se vai ler já corresponde a um tema bem mais restrito, pois se refere apenas à obra-prima de Euclides da Cunha — “Os Sertões”.*

A cultura geográfica geral de Euclides. — A cultura geográfica de Euclides da Cunha, no que interessa a “Os Sertões”, deve ter-se acumulado na derradeira década do século XIX, quando o futuro escritor já tinha mais de vinte anos. Resultou de seus estudos na Escola de Guerra, da sua rápida passagem pela Escola Politécnica e do contacto com os homens de pensamento, oriundos do Império, que ainda brilhavam no panorama cheio de incertezas daquela primeira década republicana.

Que autores e que obras de geografia teriam exercido maior influência nessa formação? Eis o primeiro problema, que tentarei solucionar.

Ao escrever “Os Sertões”, Euclides não se preocupou em demonstrar sua cultura em geografia, o que é perfeitamente justificável, desde que não pretendeu escrever uma obra de fundo científico e, muito menos, exclusivamente geográfica. Se deixarmos de lado as citações concernentes à geografia brasileira, que encontramos? Nenhuma, absolutamente nenhuma outra referência bibliográfica.

Mas é evidente que o autor daquelas páginas estava a par, pelo menos, das obras básicas na época em que viveu. Somos, assim, levados a deduzir que, certamente, não ignorava os trabalhos do maioral da geografia francesa “fin de siècle”: ELISÉE RECLUS, cujo prestígio em França e, particularmente, em nosso país, não

encontrava rival. Conheceria os estudos de WILLIAM MORRIS DAVIS, o criador de tantas inovações no campo da geografia física?... Possivelmente, uma vez que estreitas foram suas relações culturais com os geólogos norte-americanos que aqui viviam, notadamente Orville Derby. Teria tido conhecimento da *Antropogeografia* de RATZEL, publicada em 1882?... Seus pontos de vista e, sobretudo, a idéia-mestra de "Os Sertões" apresentam um nítido fundamento "determinista" e ratzeliano; mas temos nossas dúvidas que tais idéias tenham sido auridas na obra do grande geógrafo alemão, já porque aquêle livro não fôra muito divulgado entre nós, já porque, provavelmente, Euclides não manejasse bem a língua germânica (se é que a conhecia); a versão italiana, de Ugo Cavallero — *Geografia dell'Uomo*, convém recordar, data somente do ano de 1914. Dos geógrafos alemães, conheceu, talvez, algo dos escritos de ALEXANDRE DE HUMBOLDT, notadamente seus admiráveis *Tableaux de la Nature* e sua obra clássica — *Cosmos*, traduzidos para o francês.

Com os elementos de que disponho, difícil será concluir alguma cousa de mais positivo, neste particular. Cumpre aos pesquisadores do acervo euclidiano procurar resolver êsse primeiro problema.

**A cultura geográfica sôbre o Brasil.** — Já bem mais fácil de ser resolvida é a questão, se encarada sob o ângulo da geografia brasileira. No próprio "Os Sertões", encontramos elementos para avaliar quais foram algumas das fontes em que se fundamentava sua cultura geográfica a respeito de nosso país. Não só conhecia Euclides a *Corografia Brasilica* de AIRES DE CASAL, como as obras fundamentais dos viajantes do novecentismo, tanto os estrangeiros — SAINT-HILAIRE, SPIX e MARTIUS, príncipe de WIED, BURTON, GARDNER, como os nacionais — COUTO DE MAGALHÃES ou JOÃO SEVERIANO DA FONSECA, por exemplo. Mas é evidente que certos autôres exerceram, sôbre seu espírito agitado, uma poderosa influência: EMANUEL LIAIS, que nos deixou um Relatório de viagem à região do São Francisco e que escreveu aquela discutida *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil* (1872), autor que êle próprio classifica como sendo "um naturalista algo romântico"...; ORVILLE ADALBERT DERBY, a quem Arrojado Lisboa aponta como um dos inspiradores do que escreveu sôbre a geologia da região em que se desenrolou o drama de Canudos; e, particularmente, Teodoro Sampaio.

A influência de TEODORO SAMPAIO a respeito do que existe de geográfico em "Os Sertões" parece ter sido realmente notável. Forneceu-lhe mapas inéditos do nordeste da Bahia, transmitiu-lhe nume-

rosos apontamentos de caráter histórico, deu-lhe tudo quanto pudera: recolher em sua famosa viagem à Chapada Diamantina e ao vale do São Francisco, como um dos componentes da missão chefiada por Milnor Roberts. Fêz mais; teve a felicidade de ouvir, em primeira mão, dos próprios lábios do escritor, a leitura dos originais, em tertúlias domingueiras, numa atmosfera certamente repleta de cultura, nas quais fêz a crítica e discutiu muitos trechos do livro. Não se trata, aqui, de suposições; o próprio Teodoro Sampaio relatou tudo isso, em trabalho publicado na "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia" (n.º 45, 1919).

Mas não me parece possível que um homem sequioso de bem conhecer o seu país, como o foi Euclides, pudesse ignorar, ao escrever sua maior obra, pelo menos cinco livros que lhe foram contemporâneos. Quero me referir, em primeiro lugar, à *Geology and Physical Geography of Brazil*, de CHARLES FREDERICK HARTT, que foi o mestre e companheiro de Orville Derby. A seu lado, não tenho dúvidas em colocar a *Geografia do Império do Brasil*, de WAPPÆUS, traduzida e posta em dia por Capistrano de Abreu, com a colaboração de numerosos especialistas, dada a lume na versão brasileira em 1884. Depois dessas, sou tentado a sugerir duas outras, bem semelhantes entre si: *Le Brésil*, de E. LEVASSEUR (1889), parte integrante da "Grand Encyclopédie", que recebeu a autorizada colaboração do Barão de Rio Branco; e *Le Brésil en 1889*, de SANTA-ANNA NERY — ambas enriquecidas com trabalhos assinados por nomes que constituíam a nossa "élite" intelectual de então: Henri Gorceix, Orville Derby, Henrique Morize, Capistrano de Abreu, André Rebouças, Luiz Cruls, Eduardo Prado, Ladislau Neto. Finalmente, o volume XIX da *Géographie Universelle* de RECLUS, publicado em 1894 e que apareceu em bem apresentada versão brasileira, graças ao Barão de Ramiz Galvão, no ano de 1900.

A alentada bibliografia, que figura no livro de Levasseur, pode muito bem sintentizar o que um homem culto deveria conhecer, ao iniciar-se a última década do século passado, se desejasse possuir as fontes fundamentais de nossa bibliografia geográfica. Sendo Euclides um homem dessa estirpe, estou convencido de que não andarei errado em supor que a maioria, quando não tôdas daquelas obras passaram pelas suas mãos, sentiram o brilho estranho de seu olhar, se não receberam anotações sôfregas de seu espírito atilado.

Foi com essa bagagem cultural que sua extraordinária sensibilidade registou as impressões colhidas na campanha inglôriamente desenrolada no Planalto Baiano.

O plano de "Os Sertões" e a metodologia geográfica. — Todos quantos já tiveram a ventura de ler as páginas fortes de "Os Sertões" sabem, perfeitamente, que o grande livro pode ser dividido em duas obras distintas, embora intimamente entrelaçadas. Na primeira, pinta Euclides o cenário natural e descreve o homem que nêle vive ou, poderia dizer, que nêle luta para sobreviver. Na segunda, que constitui a maior pelo número de suas páginas, temos o retrato do personagem central da tragédia — Antônio Conselheiro, o palco em que a mesma teve lugar — Canudos, e todos os seus detalhes emocionantes — a Luta, com as sucessivas expedições punitivas.

Dentro do prisma a que dei preferência, é a primeira que oferece um campo mais vasto para as minhas indiscretas especulações, embora na segunda também exista algo que possa interessar ao geógrafo.

Examinêmo-la, por isso, com um pouco mais de atenção. Resaltam, sem demora, a preocupação metodológica de Euclides da Cunha e, muito mais que isso, a exatidão e o caráter moderno do plano seguido pelo autor.

Na verdade, antes de tudo, distingue Euclides, com perfeição, dois aspectos fundamentais da paisagem que vai estudar: o *aspecto físico*, quando examina os traços marcantes de "A Terra"; o *aspecto humano* ou *cultural*, quando encara "O Homem". Naturalmente, nos dias em que vivemos, êste plano nada apresenta de extraordinário e qualquer aluno de geografia superior sabe muito bem que, em princípio, deve ser êste o caminho certo a seguir, quando se propõe a realizar um estudo geográfico. Todavia, transportemo-nos para os fins do século XIX e façamos justiça ao gênio de Euclides: qual o outro trabalho de interesse geográfico, publicado em nosso país naquela época, que apresenta, com a mesma segurança e a mesma nitidez, a distinção preliminar entre o quadro natural e o elemento humano?... Pelo menos, dentre os que são de meu conhecimento, de autoria de brasileiros, não sou capaz de apontar um só que se lhe possa comparar ou que dêle se aproxime. Muito pelo contrário: os livros de geografia, então publicados (a exemplo de outros muitos que vieram depois e, quem sabe, ainda estão a aparecer por aí...), escritos por patrícios nossos, vinham impregnados daquela malsinada tendência às enumerações e à nomenclatura.

Façamos, pois, rigorosa justiça a Euclides e proclamemos mais esta valiosa faceta de sua obra-prima: nos seus capítulos preliminares, nada existe que possa assemelhar-se ao sistema, então geralmente aceito, de dividir a matéria naqueles clássicos e bolorentos

itens: orografia, geologia, potamografia, limnografia, climatologia, riquezas naturais, etnografia... Lêem-se, hoje, as páginas de "Os Sertões", sentindo-se o mesmo bem-estar que nos proporcionam as páginas de um moderno geógrafo, se as encaramos sob o ponto de vista exclusivamente do método.

A mesma orientação, em perfeita consonância com tudo quanto nos ensina a moderna metodologia, vamos encontrar na distribuição dos assuntos dentro daquelas duas grandes partes iniciais do livro.

Com efeito, que aspectos focaliza Euclides ao tratar de *A Terra*? Nada mais do que isto: uma visão de conjunto, com detalhes a respeito da estrutura geológica — no capítulo I; o relevo e a hidrografia — no capítulo II; o clima, associado à vegetação — no capítulo III; o estudo pormenorizado das secas — no capítulo IV; uma conclusão, com sugestões para resolver os problemas criados pelo meio físico — no capítulo V. Nada mais perfeito em matéria de metodologia geográfica.

Se passamos a examinar a parte referente a *O Homem*, o mesmo pulso de geógrafo está presente: as relações entre o meio e o homem — no capítulo I; as origens e os característicos da população sertaneja — no capítulo II; um estudo de detalhe a respeito do sertanejo, inclusive sobre seu gênero de vida (expressão, é claro, que não aparece na obra, por ser muito recente) — no capítulo III. Dentro da natureza do estudo executado, nada mais perfeito como orientação e como método geográfico.

Nem mesmo a cartografia foi colocada em plano secundário por Euclides da Cunha, quando muito bem poderia tê-la deixado no esquecimento, sem que os contemporâneos sentissem pela ausência, dado o caráter do livro. Muito pelo contrário, os mapas lá estão testemunhando a profunda seriedade da obra imortal. É o *Esbôço Geológico*, estribado em nada menos de 15 autores, que Euclides menciona com absoluta honestidade. É o *Esbôço Geográfico do Sertão de Canudos*, com a rede hidrográfica e os aspectos essenciais do relevo, representados em hachuras. É a *Distribuição da Flora Sertaneja*, com a representação das grandes paisagens botânicas do Estado da Bahia e, o que não é desprezível, o traçado dos velhos caminhos do nordeste baiano. É o próprio mapa de *Canudos e suas cercanias*, repleto de pormenores. Naturalmente, se Euclides tivesse escrito uma obra exclusivamente geográfica e só com este objetivo, muitos outros mapas deveriam nela aparecer; mas, bem sabemos, esta não foi sua intenção, o que nos enche de admiração pelo fato de nela ter feito figurar as cartas que elaborou.

**Análise geográfica de "Os Sertões".** — Longe de mim a idéia de fazer aqui um simples panegírico de "Os Sertões" e de seu autor. Por isso mesmo, passarei a analisar o seu conteúdo sob o ponto de vista científico, a fim de verificar o que nêle existe de exato e o que devemos pôr de lado, por não corresponder à realidade. É claro que as críticas que, por ventura, vier a fazer à grande obra, em nada poderão diminuir o seu valor, uma vez que precisamos levar em conta que meio século já decorreu de sua elaboração e, neste lapso de tempo, muito evoluíram os conhecimentos a respeito da nossa ainda mal conhecida geografia.

**Euclides e a geografia física do Planalto Brasileiro.** — Apanhemos o livro famoso e folheêmo-lo, com os olhos de um geógrafo a viver em meados do século XX. Tenhamos coragem e analisemos o seu primeiro capítulo, vestibulo áspero que tem espantado muitos leitores e, por certo, que deixou de ser lido por todos quantos só viram em "Os Sertões" uma reportagem movimentada e bem escrita...

Ignoro se já algum dos críticos eruditos da obra de Euclides teria observado que, logo de início, em suas primeiras frases, o notável escritor comete um erro geográfico... Sim, meus senhores, o livro começa mal, se o encaramos com um certo rigor, dentro do prisma exclusivo da geografia. Na verdade, confunde Euclides o grande *Planalto Brasileiro* com uma de suas parcelas — o *Planalto Central*. Bem sei que, ainda hoje, discutimos os limites exatos dessa importante região brasileira, conhecida de longa data por tal nome: o Planalto Central. Mas, considera-la iniciando-se no Rio Grande do Sul e chegando até ao Atlântico, julgo difícil, senão impossível, aceitar.

Por mais incrível que pareça, êste é o conceito que, logo às primeiras linhas de "Os Sertões", encontra-se nestas frases sedutoras:

"O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas" (1).

Cortasse Euclides, com sua pena nervosa, a palavra "central" e tudo estaria exato. Quase chego a sugerir que, em próximas edições, faça-se tal correção, para que o livro não apresente um

---

(1) CUNHA (Euclides da), *Os Sertões*, 20.<sup>a</sup> edição corrigida. Liv. Francisco Alves, Rio, 1946 — pág. 3.

engano dêesses, de palmatória, que nenhuma explicação poderá justificar.

Logo além, ainda na primeira página do grande livro, encontra-se uma descrição por demais sintética e defeituosa do *litoral fluminense e espírito-santense*:

“... depois, — diz Euclides — no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revólto, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumiadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, e repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra”... (2).

A descrição serve admiravelmente para o litoral sul do Estado do Rio — costas de Paratí, Angra dos Reis, Mangaratiba; mas é rigorosamente inexata para o trecho norte, dominado pela Baixada Fluminense e pelo infundável cordão de lagunas, que Alberto Ribeiro Lamego — um euclidiano de primeira gema — descreveu e estudou tão bem. Além disso, onde teria Euclides da Cunha descoberto “recifes” na costa fluminense?... Naturalmente, interpreto o termo em seu sentido geográfico, tendo em consideração a natureza do trecho e a cultura científica do autor. Serão, acaso, os rochedos cristalinos que afloram naquele mar costeiro? Mas... recifes são recifes e rochedos são rochedos...

Logo à página seguinte, Euclides esboça, naquela linguagem imponente que é tão sua, um corte geológico — “um corte meridiano qualquer, acompanhando a bacia do São Francisco” (3). Ao ler suas frases encantadoras com um frio espírito de geógrafo ranzinza, senti-me positivamente desnordeado. Refere-se êle a três “formações geognósticas díspares”, que tentei, em vão, compreender ou descobrir.

A primeira parece ser a *Serra do Mar* — “possantes massas gnais-graníticas, que a partir do extremo sul se encurvam em desmedido anfiteatro, alteando as paisagens admiráveis que tanto encantam e iludem as vistas inespertas dos forasteiros” (4).

A segunda parece ser o *Planalto Meridional*, onde encontramos, “estirados para o ocidente e norte, extensos chapadões cuja urdidura de camadas horizontais de grês argiloso, intercaladas de emersões calcáreas, ou diques de rochas eruptivas básicas” (5). Não discutamos os detalhes desta frase.

(2) Ed. cit., pág. 3.

(3) Pág. 4.

(4) Pág. 4.

(5) Pág. 4.

A terceira, não sei exatamente qual deva ser. Serão as serras cristalinas da *Mantiqueira* e do *Espinhaço*, com suas "placas rígidas de afloramentos gnáissicos", que aparecem, mais longe, "sotopostas a complexas séries de xistos metamórficos, infiltrados de veios fartos, nas paragens lendárias do ouro"; e, ainda mais para o norte, através da região alpestre, com seus "cêrros de quartzito" e "placas do itacolumito avassalando as alturas" (6)?... Ou o *Planalto Baiano*, "esplêndidas chapadas imitando cordilheiras" (7)?... Ou, ainda, os extensos *chapadões* que se erguem a ocidente da calha do São Francisco, "paragem formosíssima dos campos-gerais", "grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros" (8)?... Ou os prolongamentos setentrionais da *Chapada Diamantina*, em que "a cordilheira eriça-se de contrafortes e talhados de onde saltam, acachoando, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguaçu" (9)?... Ou o *Planalto Nordestino*, área neplanizada que caracteriza o sertão do Nordeste, região "mais deprimida e mais revôlta", que tão bem retrata "o desapoderado embater dos elementos, que ali reagem há milênios entre montanhas derruídas" (10)?...

Sinceramente, não sei e gostaria que alguém mais atilado resolvesse tal problema.

Não me parece crível que Teodoro Sampaio haja aprovado integralmente esta parte de "Os Sertões". Duvido que Orville Derby tivesse lido, em primeira mão, tais páginas de Euclides. E subscrevo a crítica delicada, talvez irônica, de John Casper Branner, quando disse que, no livro em estudo, "o poeta é soberano no pequeno reino onde o entroniza a sua fantasia"...

E que dizer do *Esbôço Geológico* (11), mapa que a honestidade científica de Euclides encaixou em seu livro? Será preferível calar, tantas são as autoridades citadas em abono seu. Limitar-me-ei a alertar os leitores inespertos do livro famoso: deixai-o de lado por obsoleto; já conta meio século de existência e a geologia (que tão bem sabe falar em milhões de anos...) tem evoluído de maneira extraordinária em relação ao nosso país, nos derradeiros anos, alterando quase completamente aquêle mapa venerando.

Silenciarei, também, a respeito de tudo quanto Euclides escreveu baseado em Liais, aquêle "sonho de geólogo" (12), como êle próprio rotulou; ou sobre "o mais antigo maciço do mundo" — o de Goiás, e "o vulcão de Caldas" (13)...

(6) Pág. 5.  
(7) Págs. 6-7.  
(8) Pág. 8.  
(9) Pág. 8.

(10) Pág. 9.  
(11) Entre as págs. 2 e 3.  
(12) Pág. 18.  
(13) Pág. 19.



Em compensação, porém, que belos e exatos conceitos geográficos podemos deparar nessas mesmas páginas, onde a minha bisbilhoteira de mestre-escola foi encontrar alguns senões!

Nada mais expressivo do que aquela definição da *Serra do Mar*, se a aplicarmos a São Paulo ou Paraná: "dilatado muro de arrimo sustentando as formações sedimentárias do interior", onde "a terra sobranceia o oceano, dominante, do fastígio das escarpas" (14).

E a descrição dos *altiplanos mineiro-baianos*, em que, "sem linhas de cumiadas, as maiores serranias nada mais são que planuras altas, extensas rechãs terminando de chôfre em encostas abruptas" (15)?

Não menos notáveis são os seus conceitos preliminares acêrca do *agreste*, onde dominam "arbúsculos quase sem péga sôbre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, cerêus rígidos e silentes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de deserto" (16); ou aquêle "quadro tristonho de um horizonte monótono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo requeimado das *caatingas*" (17). Paisagens que jamais poderão ser olvidadas por quem já as viu uma vez.

E, assim, a descrição das *ipueiras*, "lagoas mortas", "verdadeiros oasis" de "aspecto lúgubre: localizadas em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos mandacarús despídos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poento e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem" (18). E assim, também, a descrição das *vazantes* e das *várzeas* (19).

Aos olhos atilados de Euclides não passaram despercebidos os impressionantes *mares de pedras* daquele sertão, "tão característicos dos lugares onde imperam os regimes excessivos", que se deram "ora em alinhamentos relembrando velhos caminhos de geleiras, ora esparsos a êsmo, espessos lastros de seixos e lajes fracturadas" (20). Mas não se limita a descrever; como um geógrafo moderno, dá o seu diagnóstico:

"As arestas dos fragmentos, onde persistem ainda cimentados ao quartzo os cristais de feldspato, são novos atestados desses efeitos físicos e mecânicos que, despedaçando as rochas, sem que se decomponham os seus elementos formadores, se avantajaram ao vagar dos agentes químicos em função dos fatos meteorológicos normais" (21).

(14) Pág. 4.

(15) Pág. 7.

(16) Pág. 13.

(17) Pág. 13.

(18) Pág. 13.

(19) Pág. 14.

(20) Pág. 16.

(21) Págs. 16-17.

Sintetizou, muito bem, a ação dêsse *intemperismo*:

“De um lado a extrema secura dos ares, no estío, facilitando pela irradiação noturna e perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas; e daí um jogar de dilatações e contrações que as disjunge, abrindo-as segundo os planos de menor resistência. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das sêcas, precipitam estas reações demoradas” (22).

Observou, atônito, os leitos sêcos dos cursos d'água temporários daquela região semi-árida; e imediatamente os classificou, considerando-os “uma reprodução completa dos *ouéds* que marginam o Saara” (23).

Seu propósito é descrever as linhas mestras do relêvo, correlacionando-as com a estrutura geológica. Todavia, como bom geógrafo vai bem além: não só menciona as formações botânicas típicas (como vimos linhas atrás), mas também vê, nos detalhes da paisagem, as marcas que o homem deixou; por isso mesmo, refere-se, sem tardança, ao velho *caminho de penetração*, “estrada três vêzes secular, histórica vereda por onde avançavam os rudes sertanistas nas suas excursões para o interior” (24), em demanda de Pernambuco, do Piauí, do Maranhão e do Pará.

Apesar de conter alguns senões, são páginas de mestre, em que o leitor muito pode aprender, nesse simples vestibulo da grande obra. Por tal razão, é pena que não sejam poucos os que nunca as leram, saltando por cima delas com a maior sem-cerimônia...

**Euclides e o clima nordestino.** — Passemos de largo em relação ao capítulo II de “Os Sertões”, sem dúvida o menos interessante e o menos expressivo da grande obra: trata-se de umas poucas páginas um tanto descritivas, em que Euclides procura dar uma idéia do relêvo e da hidrografia do nordeste da Bahia. Nelas, apenas existe um ponto alto: a descrição do Vaza Barris — “rio sem nascentes, em cujo leito viçam gramíneas e pastam os rebanhos” (25).

Focalizemos as páginas seguintes, em que estuda o clima regional e o fenômeno das sêcas.

Embora lamentando que só haja conhecido a região na época da sêca e apenas dispuzesse “de um termômetro único e de um

(22) Págs. 15-16.  
(23) Pág. 17.

(24) Pág. 12.  
(25) Pág. 23.

aneróide suspeito" (26), é inegável que consegue dar uma idéia vívida das características marcantes daquele clima ingrato: acentua a sua *continentalidade* — "insola-se e enregela-se em 24 horas" (27); refere-se às longas *calmas atmosféricas* e à extrema *secura do ar* (28), objetivando esta última com os episódios conhecidos do soldado insepulto, mas incorrupto, havia três meses e do cavalo do alferes Wanderley, que "ali estacou feito um animal fantástico", "com todas as aparências de vida, sobretudo quando, ao passarem as rajadas ríspidas do nordeste, se lhe agitavam as longas crinas ondulantes..." (29); constata o fenômeno da *miragem* naquelas plagas semi-áridas, ao norte da serra da Cana-Brava, onde "via-se um ondular estonteado, estranho palpitar de vagas longínquas, a ilusão maravilhosa de um seio de mar, largo, irisado, sôbre que caísse e refrangesse e ressaltasse a luz esparsa em cintilações ofuscantes..." (30); esboça, em pinceladas rápidas, o *mecanismo* do clima (31).

Mas é no capítulo IV que Euclides encara de frente o fenômeno das *sêcas*. Logo às primeiras linhas, demonstra aceitar como um fato indiscutível os *ciclos das sêcas*, "porque — afirma ele — o são no rigorismo técnico do termo" (32); e apresenta uma série de datas, destinadas a confirmar sua asserção. Ora, hoje bem sabemos, não é mais possível aceitar essa evolução cíclica, porque, na realidade, aquelas datas só servem para iludir: referem-se às "sêcas grandes", às que mais fortemente ficaram gravadas na memória da população, deixando no esquecimento as sêcas menores, os "repiquêtes" — como dizem os sertanejos. O "interregno de 32 anos" sem sêcas, de que nos fala Euclides (33), é pura força de expressão, simples figura de retórica...

Além disso, corresponderão exatamente à realidade geográfica as afirmativas categóricas que se lêem páginas adiante? Terão, por ventura, rigor científico frases como estas: "as sêcas aparecem *sempre* (o grifo é meu) entre duas datas fixadas há muito pela prática dos sertanejos, de 12 de dezembro a 19 de março"?...; ou, então: "Fóra de tais limites *não há um exemplo único* (o grifo também corre por minha conta) de extinção de sêcas" (34),... É evidente que, em tais trechos, o cientista cede lugar ao escritor.

Mas o geógrafo está presente noutras afirmações dêsse mesmo capítulo do livro: no cuidado com que apresenta a hipótese das influências das *manchas solares* sôbre as sêcas, acentuando que

(26) Pág. 27.

(27) Pág. 28.

(28) Pág. 29.

(29) Págs. 29-30.

(30) Pág. 31.

(31) Págs. 27-28.

(32) Pág. 32.

(33) Pág. 33.

(34) Pág. 35.

não se conseguiu comprová-la, que o fenômeno não pode ser explicado através de uma causa única e que outras razões, "da natureza do solo à disposição geográfica" devem ser levadas em conta (35). Sentimo-lo, ainda, na explicação mais detalhada que dá ao mecanismo das secas, quando emprega a expressão *monção do nordeste* (36), símile feliz, embora não rigorosamente exato, que encontrou com o regime das regiões do Índico. Sentimo-lo, também, na importância que concede ao fator relevo, à "disposição topográfica", (37) que facilita a travessia de tais correntes aéreas.

Entretanto, será essa "monção do nordeste" o vento da seca (38) como afirma Euclides?... Temos, a este propósito, dúvidas muito sérias quanto à assertiva do grande escritor. Aceitá-la-íamos, se correspondesse ao alíseo meridional, de sudeste, que na região de Canudos talvez possa ter aquela direção; contudo, não parece ser este o pensamento de Euclides, pois tudo indica que, em tal trecho, encarou o Nordeste como um todo regional e, não, apenas uma de suas parcelas. Se assim é realmente, a "monção de nordeste", isto é, o alíseo setentrional representa exatamente um papel oposto, por ser o vento das chuvas... Trazendo a umidade recolhida no Atlântico, atravessa o sertão quase sem encontrar barreiras e rega suas terras ressequidas com as chuvas abençoadas.

Em compensação, muito bela e muito exata é a página em que descreve o período do "*inverno*", com seus fortes aguaceiros e quando "as primeiras bâtegas despenhadas da altura não atingem a terra". E vemos o avolumar das enxurradas, o súbito funcionamento daquela rede de drenagem em descanso, com seus "ribeirões correntosos", que se transformam "em rios barrentos traçados ao acaso", "em cujas correntezas passam velozmente os esgalhos das árvores arrancadas", "no mesmo cáos de águas revôltas e escuras" (39)...

**Euclides e a vegetação sertaneja.** — As páginas de "Os Sertões" referentes à vegetação da zona semi-árida, se julgadas por um botânico, talvez estejam prenhes de senões; não me compete dizê-lo. Mas, se as encaramos sob o ponto de vista exclusivamente geográfico, são das mais expressivas do livro célebre. Chego até a avançar: para a geografia, são muito mais vivas e mais úteis do que aquelas outras, repletas de erudição, embora sem alma, do grande técnico da antiga I.F.O.C.S., que escreveu um alentado "Estudo Botânico do Nordeste"...

(35) Pág. 34.

(36) Pág. 35.

(37) Pág. 35.

(38) Pág. 36.

(39) Págs. 36-37.

Mostrando as diferenças que existem entre as estepes e as catingas, Euclides faz ressaltar os traços salientes desta paisagem botânica ímpar dentro de nossas fronteiras: acentua-lhe a *monotonia* e a *uniformidade*, pois suas “árvores, vistas de conjunto, semelham uma só família de poucos gêneros” (40); mostra o *horror ao sol*, que caracteriza as espécies da flora das catingas, em que “as plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas dessa batalha surda”, com a infinidade de suas radículas, de seus espinhos, de seus galhos soterrados que dão a impressão de raízes (41); enumera, com a segurança de quem as observou de perto, as *espécies mais típicas* daqueles sertões adustos: a favela, o catingueiro, o mandacarú, o chique-chique, a cabeça de frade, o quipá, a palmatória, todos os exemplares da “*sylva horrida*” de Martius, sem olvidar as espécies benfazejas — o umbúzeiro, o joazeiro, a jurema (42); mostra, enfim, com mestria, a estupenda *metamorfose da catinga* ao contacto com as primeiras chuvas, quando se transmuda num verdadeiro paraíso, aos olhos encantados do caboclo sofredor e resignado (43).

Páginas rigorosamente geográficas.

No entanto, é oportuno deixar aqui consignado um novo brado de alerta aos neófitos: colocai de lado o mapa da *Distribuição da Flora Sertaneja* (44), porque contém erros graves, que os atuais conhecimentos das paisagens botânicas da Bahia demonstram com evidência; consultai qualquer mapa moderno da flora daquela região e eles ressaltarão sem demora.

Já a síntese, incluída no capítulo V, com que finaliza a parte concernente a “A Terra”, considero-a admirável, em seu conjunto. Não me quero referir ao evidente exagêro de Euclides, quando afirma que aquelas paragens “na plenitude das sêcas são positivamente um deserto” (45); ou à afirmação nada geográfica de que “a natureza não cria normalmente os desertos” (46)... Fecharei os olhos àquela frase infeliz, se bem que sonora, referente às ilhas do Pacífico — “rarefeito colar de ilhas desertas e escalvadas” (47); e à já discutida e mal explicada assertiva, de que “a morfologia da terra viola as leis gerais dos climas” (48).

Prefiro pôr em realce, por ser de uma notável e permanente atualidade, em nosso país, o que Euclides escreveu sobre a nefasta ação do homem como agente destruidor da vegetação natural, em

(40) Pág. 38.

(41) Págs. 38-39.

(42) Págs. 40-47.

(43) Págs. 45-46 e 47-48.

(44) Entre as págs. 72 e 73.

(45) Pág. 50.

(46) Pág. 51.

(47) Pág. 52.

(48) Pág. 52.

que anatematiza essa "lepra" terrível de nossos solos, que é o fogo, ateadado consciente ou inconscientemente desde as eras pré-cabralianas e, ainda hoje, "fazendo desertos" (49). Prefiro lembrar o que deixou escrito a respeito da açudagem, com o aproveitamento dos "boqueirões" tão comuns na topografia o sertão nordestino (50).

Tudo isso basta para redimir as deficiências ou os senões existentes no mesmo capítulo. Tendo-se em vista a época em que foram escritas, são páginas que exaltam o conhecedor de nossos problemas, seu acendrado espírito público, mais do que o escritor e o beletrista.

"Uma opulenta desordem"... — Logo de início, tive oportunidade de acentuar um dos traços marcantes de "Os Sertões": o seu excelente plano de conjunto, naquilo que interessa ao geógrafo. Nos trechos analisados até este momento, não tenho motivos para me arrepender do que deixei afirmado. Entretanto, quando se penetra na parte referente a *O Homem*, exatamente a mais conhecida das duas que estou a focalizar, examinando-a em seus pormenores, já não poderei dizer o mesmo.

É curioso o poder da palavra, quando bem escrita e bem soante! O encanto da forma aprimorada, que caracteriza os trabalhos de Euclides, faz-nos muitas vezes percorrer páginas e páginas sem encontrar senões, se nos entregamos a uma leitura despreocupada e isenta de espírito crítico. Assim o fiz, em mais de uma oportunidade, ao ler os capítulos sedutores dessa segunda parte da preliminar do grande livro. Relendo-os, agora, como um geógrafo besbilhoteiro, senti-me um pouco atarantado no meio daquêles magníficos conceitos... E lembrei-me do próprio Euclides, quando, referindo-se à Amazônia, logo no pórtico de "A Margem da História", disse que o homem, ali, chegando sem ser esperado nem querido, "encontrou uma opulenta desordem" (51).

Também o modesto geógrafo que vos fala, neste instante, certamente não esperado nem querido, ao ler as páginas referentes a *O Homem*, em "Os Sertões", encontrou uma opulenta desordem... Desordem "gostosa", que passa despercebida ao leitor, tão belo e possante é o estilo do escritor.

A fim de desincumbir-me de minha nem sempre grata tarefa, procurarei tirar um pouco do encanto daquelas páginas imortais, ordenando-lhe as idéias mestras.

(49) Págs. 53-56.

(50) Págs. 56-61.

(51) CUNHA (Euclides da), *A Margem da História*. 4.<sup>a</sup> edição. Livraria Chardron. Porto, 1926 — pág. 6.

Euclides e os grupos étnicos fundamentais. — O método seguido por Euclides da Cunha ao estudar o elemento humano foi, sem dúvida alguma, *histórico* e, não, geográfico. Percebêmo-lo quando inicia essa parte da obra; sentimos sua influência no decurso dos capítulos seguintes.

De fato, ao referir-se ao *grupos étnicos fundamentais* de nossa população, obedeceu à seqüência histórica: o indígena, o negro, o português (52). Critério que não o diminui, por duas razões, pelo menos: em primeiro lugar, porque nunca pretendeu escrever uma obra exclusivamente geográfica; em segundo lugar, porque, mesmo que fôsse esta sua intenção, estaria em boa companhia ao seguir aquêle critério, uma vez que muitos geógrafos (e notadamente os de seu tempo) também o seguiram.

Não me cabe opor ressalvas ao uso repetido da expressão *raça*, de sentido tão incerto, nem tão pouco à afirmação enfática concernente ao *autoctonismo do ameríndio* (53) e aos conceitos nada amáveis admitidos em relação aos *mestiços* (54). Certamente, os etnógrafos e os antropólogos, que nos antecederam há um ano, fizeram-no com muito maior autoridade e mais perfeito conhecimento da matéria. O mesmo poderia dizer da omissão, sem dúvida lamentável, do negro *sudanês*, mormente se nos lembrarmos de que Nina Rodrigues teria sido um dos mentores do grande escritor.

Prefiro levantar minhas dúvidas quanto ao termo *curiboca*, (55), usado como sinônimo de cabôclo ou mamaluco (certamente por influência de Teodoro Sampaio), quando melhor seria se o empregasse como sinônimo de cafuz ou caboré, mestiço de negro e índio.

E mais à vontade me sinto ao relembrar, aqui, aquela imagem realmente feliz, mais literária do que geográfica, mas nem por isso desinteressante para um geógrafo: quero referir-me à nota V aposta à 3ª. edição de "Os Sertões", quando, em defeza do livro, compara o povo brasileiro ao *granito*. "Símile eloquente" — tal como êle próprio classificou: embora formando um todo, traz ainda a nossa população, bem sensíveis, as marcas dos três elementos básicos que a constituíram — o quartzo, representado pelo *européu* branco; o feldspato, que pode, com um pouco de boa vontade, representar o *ameríndio*; e a mica biotita, que bem simboliza o *negro*. À superfície, os materiais oriundos da alteração do granito — a *mestiçagem* (56)...

(52) *Os Sertões*, ed. cit., pág. 66.

(53) Págs. 65 e 66.

(54) Págs. 108-109.

(55) Pág. 68.

(56) Pág. 618.

Com que satisfação íntima, com que prazer irresistível cunhou Euclides aquelas frases através dos quais justifica a idéia magnífica, aduzindo detalhes em que o homem de letras se confunde com o cientista, a ponto de ser impossível separar um do outro!

**Os dois brasileiros: o do sul e o do norte.** — Sempre guiado pela mão da História, procura Euclides da Cunha fazer a distinção entre dois tipos de brasileiros, surgidos no período colonial: o do sul — o *paulista*, e o do norte (que melhor seria se houvesse dito — do Nordeste) — o *nordestino* (57). Aceitemos, por não pertencer à seara geográfica, a distinção feita por Euclides.

O que sobreleva notar, neste ponto, é o cuidado com que procura encontrar, no *meio físico*, as causas primordiais das diferenças entre um e outro. Aqui aparece o Euclides “determinista”, discípulo consciente ou inconsciente de Ratzel. Apresenta o paulista como resultante do relêvo planáltico, que “o libertava da preocupação de defender o litoral”, e dominado pelo traçado da rede hidrográfica, de que o Tietê constitui um exemplo “eloquentíssimo” (58). Mas esquece-se de levar em conta o *elemento humano*, com suas qualidades e seus defeitos; ignora-o completamente. “Esta distinção de ordem física — timbra em acentuar — esclarece as anomalias e contrastes entre os sucessos” (59) registados no período colonial. Nem uma palavra referente aos *fatores de ordem econômica*, à pobreza reinante no planalto paulista, aos fundamentos econômicos do bandeirismo, já agora tão exaustivamente estudados pelo prof. Alfredo Ellis Júnior. Apenas o império absoluto, o domínio inelutável do meio físico...

Ao falar do nordestino, renova os mesmos pontos de vista; e chega até a ser positivamente injusto, quando afirma que os nossos irmãos daquela área “perderam todo o aprumo e este espírito de revolta, que rugiu em todas as páginas da história do sul” (60). Quizera ser historiador para lembrar os episódios épicos da Guerra Holandesa e toda a movimentada história do chamado “Leão do Norte”!

Obscuro por esse exagerado determinismo geográfico, tenta Euclides, de início, dar uma visão do clima brasileiro. Começa de maneira pouco feliz, ao dizer que o relêvo pode ser capaz de criar “climas equatoriais em altas latitudes” (61)... Depois de distinguir as três áreas climáticas clássicas — a tropical, a sub-

(57) Pág. 80.

(58) Págs. 82-83.

(59) Pág. 83.

(60) Pág. 85.

(61) Pág. 70.



tropical e a temperada, delimitando-as de modo nem sempre exato, torna a repetir aquela heresia geográfica: "o clima viola as leis gerais que o regulam" (62)... Em seguida, estuda as condições climáticas do Planalto Oriental, de Mato-Grosso, do Pará e do Alto-Amazonas, em sínteses expressivas, como a em que descreve a "friagem" (63); mas não deixa de cometer seus enganos, não fosse tão árdua e complexa a climatologia; poderemos aceitar, por exemplo, suas referências ao vento Noroeste, que, no seu entender, propondera "em tôda a extensíssima zona que vai das terras elevadas de Minas e do Rio ao Paraná" (64) ?...

Em função daquelas mesmas idéias, mostra o homem amazônico como um joguete, a lutar sem sucesso contra as condições climáticas, pintando-o de maneira quase grotesca, se reunirmos numa só frase tudo quanto dêle diz (65): deprimido, com inteligência marasmática e inervações periclitantes, a sofrer do fígado, apresentando exaltações impulsivas e apatias enervadoras, a tez acobreada pelos sóis, o temperamento despido das qualidades primitivas, dominado pelo selvagem bronco, esmagado e anulado pelo meio que o cerca...

**Euclides e o povoamento do Nordeste.** — Embora um tanto desordenadamente, realiza Euclides o estudo do povoamento do Nordeste. Pintando o Brasil como uma "terra de exílio, vasto presidio com que se amedrontavam os heréticos e os relapsos" (66) antecipa-se, numa diferença de quase trinta anos, a Paulo Prado, ao retratar de modo nada lisongeiro os *primeiros povoadores* — "homens de guerra, sem lares, afeitos à vida sôlta dos acampamentos, ou degredados e aventureiros corrompidos" (67), os quais, amancebando-se com as caboclas, descambaram logo numa completa devassidão. Esclarecendo a gênese do mulato, mostra o papel do *negro* na região litorânea, onde "teve, de pronto, sôbre os ombros tôda a pressão da vida colonial" e onde foi, afinal, "a bête de carga adstrita a trabalhos sem folga" (68). Demora-se, em seguida, no estudo do *sertanejo*, produto de "uma raça de curibocas puros", "raça de cruzados idênticos àquêles mamalucos estrênuos que tinham nascido em São Paulo", "cerne vigoroso da nacionalidade" (69)...

Entretanto, notável é sua preocupação em destacar os fatores dêsse povoamento. Como sempre, põe em realce os *fatôres*

(62) Pág. 71.

(63) Pág. 77.

(64) Pág. 73.

(65) Págs. 78-79.

(66) Pág. 87.

(67) Pág. 88.

(68) Pág. 91.

(69) Págs. 98-99.

*geográficos*: a vastidão dos tabuleiros, as paisagens botânicas que longe estão da exuberância da Mata Atlântica, a rede de drenagem a unir o sertão tanto ao litoral como aos altiplanos centrais, a presença do sal-gema "nas baixadas salobras dos barreiros" (70) e, sobretudo, o papel do grande rio São Francisco, ao qual dedica páginas que tanto podem figurar num livro de Geografia como num de História, dentro de modernas diretrizes (71). Desta vez, porém, não se esquece dos *fatores econômicos*, realçando o papel da criação de gado e delimitando com precisão a área pastoril do Nordeste (72). Perspicaz, como sempre, e afastando-se dos velhos métodos históricos, estuda com detalhes o papel da criação do gado, expandida graças ao sistema das sesmarias e às facilidades do meio físico (73). Não deixa de ferir, escudado em Teodoro Sampaio, o importante aspecto da toponímia regional, das mais curiosas dentro do país (74).

Correlacionando-o com essa economia pastoril e, também, com a obra geralmente olvidada dos *missionários* (75), encara propriamente o povoamento regional, através das marcas indeléveis deixadas na paisagem: os *centros urbanos*. Distingue com precisão as duas origens diversas desses núcleos de povoamento: as antigas fazendas de gado, de que resultaram "todos os povoados, vilas ou cidades, que lhe animam hoje o território", dentro da área do médio São Francisco; e as velhas aldeias de índios, que os missionários tornaram estáveis, características do nordeste da Bahia (76). São páginas utilíssimas para qualquer estudo antropológico dessa porção de nosso país.

**Euclides e o sertanejo nordestino.** — Chegamos, finalmente, aos trechos de "Os Sertões" que talvez tenham sido o maior fator da celebridade do grande livro, excluído o aspecto estilístico. Aqui encontramos algumas de suas páginas imorredouras.

Ao espírito altamente observador de Euclides não passou despercebida a impressionante *uniformidade* que se encontra na massa da população sertaneja: "feições e estaturas variando ligeiramente em torno de um modelo único, dando a impressão de um tipo antropológico invariável", com "os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondedo; a mesma envergadura atlética e os mesmos caracteres mo-

(70) Pág. 96.

(71) Págs. 93 e 95-96.

(72) Pág. 97.

(73) Págs. 104-105.

(74) Págs. 106-107.

(75) Págs. 101-102.

(76) Págs. 100-104.

rais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios e nas mesmas virtudes” (77).

Passa a ser êste o “mote”, que a sua pena ímpar vai glosar nas páginas seguintes.

Difícilmente encontraremos um conceito tantas vêzes repetido (a não ser, naturalmente, algumas dessas “frases históricas”, que quase sempre nunca chegaram a ser ditas...) como aquêle com que rompe o capítulo III: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Entretanto, ignoro se alguém já atentou bem para o significado exato da frase causticante que se lhe segue: “Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”... (78).

Mais uma vez, a beleza do estilo esconde um conceito que julgo não ser possível aceitar integralmente. Em primeiro lugar, fica-se sem saber qual o trecho do litoral ao qual se refere Euclides: todo o litoral brasileiro? ou só o litoral da Bahia e do Nordeste?...

De qualquer forma, o anátema é injusto em demasia. Se o entendermos como se referindo à imensa extensão de nossas costas, talvez possa servir para o pobre “caçara” paulista ou para o “maratimba” capichaba, realmente raquíticos por serem subalimentados; mas não me consta que sejam neurastênicos... Coitados! Neurastenia é mal de gente rica, dos habitantes das cidades... Se o entendermos como referente ao praiano da Bahia e do Nordeste, a injustiça, então, é tremenda: serão raquíticos e neurastênicos os mestiços cantados nas belas melodias de Dorival Caymmi ou aquêles famosos jangadeiros do Nordeste, que vivem à sombra dos coqueiros e enfrentam com coragem a fúria do mar?...

A frase é inexata e injusta; mas como soa bem!

O estudo que Euclides faz de sertanejo é quase completo, se o encaramos sob o ponto de vista geográfico. Se não, vejamos.

Começa por lhe fazer o *retrato antropológico*: “E’ desgracioso, desengonçado, torto”, tem “a fealdade típica dos fracos”, anda “sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso”, como se tivesse “os membros desarticulados”; “reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo” (79). Mas toda essa aparência de cansaço é illusória, porque, ao menor incidente, “o homem transfigura-se: impertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto”; e “da figura vulgar do taba-

(77) Pág. 107.

(78) Pág. 114.

(79) Pág. 114.

rêu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias" (80).

Mostra-o, depois, na figura clássica do vaqueiro, com toda sua *roupagem* de couro, que faz lembrar "um campeador medieval desgarrado em nosso tempo", e que nada mais é que um reflexo do meio em que vive; "vestido doutro modo não romperia, incólume, as caatingas e os pedregais cortantes" (81). Descreve-o em plena *atividade*, montado em seu cavalo, como se fôra "um centauro bronco; emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômodos alçados; rompendo; célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, à toda brida, no largo dos tabuleiros..." (82) E não se esquece de lhe fazer o *retrato psicológico*: "forte, esperto, resignado e prático", cedo aprestado para a luta, com sua mocidade intercalada de catástrofes, feito homem quase sem ter sido criança, tendo o espantinho das sêcas a sombrear as horas festivas de sua infância, conhecendo bem depressa a face tormentosa da existência, "um condenado à vida" (83).

Por isso mesmo, difere em tudo do gaúcho do sul: "na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los" (84).

E termina êsse verdadeiro estudo antropogeográfico com indicações preciosas para o conhecimento do *gênero de vida* do sertanejo: as modestas plantações das "vazantas", destinadas à produção de cereais de primeira necessidade (85); e, particularmente, a sua atividade pastoril, — página indispensável ao conhecimento da vida naqueles sertões, graças aos pormenores que menciona em relação ao regime de trabalho — "servidão inconsciente"; às mil-e-uma tarefas que competem ao vaqueiro; ao momento culminante das "vaquejadas", que correspondem aos "rodeios" do gaúcho sulino; às longas caminhadas com o rebanho de bovinos, cuja monotonia pode ser quebrada pelo instante patético do "estouro da boiada" (86)... De alto interesse para a compreensão dessa vida trabalhosa e sem lances de heroísmo são os trechos em que descreve as atividades do vaqueiro no período ingrato das sêcas, quando se desdobra na ânsia de salvar o pouco que possui. Mesmo as informações de caráter folclórico podem ser úteis à geografia, pois servem para completar o estudo do gênero de vida do sertanejo (87). Foi pena que não tivesse pintado Euclides, com as tintas

(80) Pág. 115.

(81) Pág. 119.

(82) Pág. 116.

(83) Pág. 118.

(84) Pág. 117.

(85) Pág. 121.

(86) Págs. 122-129.

(87) Págs. 129-139.

fortes de seu estilo inconfundível, o “habitat” dêses brasileiros do sertão; o geógrafo, ao lêr “Os Sertões”, sente falta numa referência aos tipos de habitação e à sua distribuição na paisagem, que o escritor descreveu de maneira tão viva. No entanto, nenhuma censura poderemos fazer-lhe, porque — nunca é demais repetir — não pretendeu compor obra exclusivamente geográfica e a escreveu há meio século, quando a geografia do “habitat” praticamente não existia.

Como se vê, muito pode aprender o estudioso de nosso geografia, ao ler essas páginas referentes a *O Homem*. Por isso mesmo, já um ilustre geógrafo francês não teve dúvidas em afirmar: “Constitui “Os Sertões” a primeira obra de geografia humana escrita no Brasil”.

**Vaticínio que se confirma.** — Todavia, poderemos em sua consciência classificar a grande obra como um livro geográfico?...

A resposta a esta pergunta já foi dada por Gilberto Freyre, quando disse:

“Seria um erro ver na paisagem do grande livro de Euclides um simples capítulo de geografia física e humana do Brasil, que outro poderia ter escrito com maior precisão nas minúcias técnicas e maior clareza pedagógica de exposição” (88).

De fato, “Os Sertões” não é uma obra de geografia, como não o é de história, nem de sociologia. Contém um pouco de tudo isso e daí, talvez, decorra toda sua originalidade e resulte uma das muitas razões de seu indiscutível sucesso.

Ao fazer-lhe a crítica, o austero José Veríssimo já notara o fato, ao escrever:

“O livro, por tantos títulos notável do sr. Euclides da Cunha é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista” (89)...

Em conclusão: é uma obra que possui muitos senões, está mesmo errada em alguns pontos, como tentei demonstrar nesta palestra e como tantos outros, antes de mim e com autoridade maior, já o haviam feito. Mas o próprio Euclides reconheceu tais

(88) FREYRE (Gilberto), *Perfil de Euclides e outros perfis*, Liv. José Olímpio, Rio — pág. 21.

(89) Cf. *Dom Casmurro*, ano X, ns. 439-440. Rio, maio de 1946 — pág. 48.

defeitos, naquelas "confissões" deixadas num caderno íntimo, escrito em Lorena, no ano de 1902, ao referir-se a "Os Sertões":

"Escrevi-o em quartos de hora, nos intervalos da minha engenharia fatigante e obscura. E se atendermos que a esta circunstância de ordem objetiva se prende, mais sério, o fato que se pode dizer da impenetrabilidade do espírito, maior que a da matéria, pois mais facilmente se concebe a coexistência de dois corpos num mesmo espaço que a de dois pensamentos no mesmo cérebro — compreenderemos, de pronto, todos os defeitos, tôdas as lacunas, todos os deslizes que o inquinam. Não os nego. Fui o primeiro a surpreender-me ante a recepção fidalga que obtive e para logo a atribuí menos ao valor próprio daquelas páginas que o reconhecimento por parte da grande sinceridade com que foram escritas" (90).

De qualquer maneira, a obra aí está, a difundir-se através de edições sucessivas, transladada para o castelhano, para o francês e para o inglês, lida com sofreguidão pelas novas gerações e relida com prazer indizível por todos quantos a conheceram na mocidade, a provocar debates e controvérsias, sempre digna de interesse, parcela inorredoura de nosso patrimônio cultural.

"Escrevi este livro para o futuro" — afirmou Euclides, no já citado caderno de notas íntimas. Quase cinquenta anos decorreram de seu aparecimento e ainda estamos a discutí-lo e a comentá-lo. Cumpriu-se, assim, a vontade do escritor e do homem de ciência.

(90) Cf. *Dom Casmurro*, n.º cit., pág. 50.